

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA
GUOMAR TORREZÃO

1.^a SERIE

LISBOA, 23 DE ABRIL DE 1881

NUMERO 21

GERENTE
HENRIQUE ZEFERINO

CHRONICA ALEGRE

Ha dias, n'este mesmo logar onde venho hebdomadariamente demonstrar aos leitores que a letra redonda não é uma invenção inofensiva, visto que obriga a perpetrar uma semsaboria semanal, referindo-me á primavera que anda a jogar ás escondidas nas campinas do ceo, espancada pelo sr. colo e bisnagada pela trocista da chuva, eu lamentava sinceramente condoida a sorte infausta dos trovadores que a namoram platonicamente, como Petrarcha namorou Laura, sem que ella lhes sorria como Laura sorria ao poeta dos sonetos translucidados.

Eu chorava sobre a lyra partida do sr. Florencio e seguia com um longo olhar saudoso e triste a debandada dos vates, afugentados, como uma revoada de pombos, pelo chicote *poeticida* do furacão, recolhendo humilhados as odes á medida que reventavam os aguaceros.

Esquecera, porém, o meu cego egoismo, réo de uma parcialidade suspeita a favor dos trovadores desilludidos, outra angustia não menos dolorosa, a dos toireiros logrados.

Nada iguala n'estes formosos dias, por enquanto hypotheticos, n'essas bellas tardes meridionaes, rutilantes de um bom sol ardente e effusivo, que ha 2 mezes andamos inutilmente a pedir ao calendario mentiroso e ao ceo inflexivel, a importancia assumida pelo boi na mentilidade lisbonense.

O boi que sacrifica obscuramente a vida para alimentar, cortado em bifes, a nossa voracidade insaciavel, contentando-se, durante a maior parte do anno, em ser uma pobre rez humilde, abatida no Matadouro e absorvida pelo estomago nacional, passa nos mezes em que os rosas desabrocham, estrellados de borboletas, e os lyrios afagam com os seus pennachos brancos e roixos os favaes cobertos de flores, a ser um personagem.

Arrancado ao encanto da leziria, e á contemplação bucolica da pastagem macia e tenra, por onde elle divaga serenamente, fitando o céo que se dilata amplamente na larga extensão da *steppe* e mastigando o feno aromatico, o toiro passa violentamente do estado de selvagem, isolado na leziria, ao estado *fashion* de viajante illustre, esperado na sua passagem ovante pela fina flôr da fidalguia e pela flôr do peccado, polvilhada de *veloutine*, com uma pequenina serpente de bistre no olhar *foncé*, — a mesma que fez o eterno desespero de Lais, — e uma cauda insolente de rendas caras e setins molles.

Imagine-se o espanto de um pobre boi habituado á sociedade exclusiva dos campinos, vendo-se de repente introduzido na camada velludosa d'esta sociedade entrefina, prodiga de perspectivas variadas e de seducções irresistiveis... na area do Campo Pequeno á Calçada de Carriche!

Para os que conhecem o attractivo excepcional de uma toirada, a unica festa verdadeiramente popular de toda a Peninsula, para os que avaliam a delicia incomparavel de *uma espera de toiros*, apenas ligeiramente perturbada ás vezes por algumas cabeças que se quebram e alguns braços que se desmancham, é inutil descrever o desespero profundo que punge os *aficionados* perante esta chuva attentatoria das imunidades tauromachicas e em presença d'este inverno intempestivo, não previsto pela expectativa marialva.

A primavera, porém, que não vingaram enternecer os prantos dos lyricos, parece que vae finalmente baixar á terra seduzida pelo garbo do sr. Mourisca.

A tout seigneur tout honneur!

G. T.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

É uma reputação litteraria de ha muito feita. Não pôde já-mais ser abalada, embora se pretendesse para esse fim empregar todos os meios, mesmo os mais justos que parecessem, por que todas as deducções se iriam desfazer de encontro ás producções do insigne escriptor.

Camillo Castello Branco, é uma das mais esplendidas glorias da moderna litteratura portugueza; e esta asserção é incontestavel.

Desde o norte ao sul, desde o este ao oeste, quer em Portugal, quer no imperio do Brazil, que aquelle nome é conhecido.

Em uma viagem que ha annos fizemos ao interior da provincia do Rio de Janeiro, fomos encontrar em casa de um fazendeiro, na Ponte Nova, cerca de cento e trinta leguas distante da capital, algumas obras do notavel romancista, que até ali tinha sinceros e cultos admiradores da sua alta intelligencia.

Fallaram-me d'elle com extremos de louvor, assim como me fallaram de Herculano, de Garrett e de outros; e o meu coração de portuguez rejubilava-se ao ouvir pronunciar por brasileiros, com credito para o meu paiz, os nomes de seus homens illustres.

Mas este nome tão popular e tão respeitado como mestre, não impede que outros ahí se levantem a merecer tambem corôas de louros; nem deve a gloria de uns cauzar invejas a estes ou aquelles, porque o mundo é vasto e ha n'elle lugar para todos.

Assim como os meritos litterarios de Herculano não pôdem offuscar os de Garrett, tambem os de Camillo Castello Branco não pôdem desmerecer os que venham depois, quando adquiridos por um talento provado pelas suas esplendidas manifestações.

Mas para se adquirir um nome como o do escriptor de que fallamos, é preciso possuir uma intelligencia como a d'elle, ter compulsado muitos livros, ter estudado as gerações extinctas á luz das tendencias das suas epochas, do seu modo de viver, do seu querer e das suas aspirações, e possuir um conhecimento profundo do coração humano, e todos estes requisitos possui em alto grau Camillo Castello Branco.

E a prova d'isto está nos seus livros, onde claramente se revelam os dotes do grande escriptor, e onde a par da elegancia da phraxe está o judicioso dos conceitos.

Mas para se adquirir uma reputação igual á de Camillo, não basta publicar um livro, escrever um folhetim e fazer uns versos, isso pôde apenas indicar-nos que o seu auctor mostra intelligencia e que pôde, ou não, alcançar no futuro um nome distincto na republica das letras; é preciso, para se obter um grande nome, além dos requisitos que acima fallámos, que volvam tambem annos, durante os quaes o escriptor nos mostre a vastidão do seu talento nos quadros que nos descrever, e o muito que tem estudado e pensado.

Bem sei que basta muitas vezes um livro, para que o seu auctor obtenha um triumpho, e um nome illustre entre os seus e até entre os estranhos, mas para isso, é preciso que a obra publicada seja como uma *Historia de Portugal* de Alexandre Herculano, ou um *Frei Luiz de Souza*, de Garrett.

Ainda assim, observaremos. Para que estes dous ultimos escriptores publicassem as obras que d'elles acabamos de citar, o que não escreveram em antes!

Pois para que se possa laurear um auctor, basta que elle nos dê uns versos, embora elegantes, bem medidos, ou uma obra bem escripta?

Pois poderemos comparar, apezar da sua vastidão, o templo de S. Domingos de Lisboa, com a igreja dos Jeronymos em Belem, ou

com a da Batalha, onde os capiteis, os fustes e as columnas são como os canticos divinos de um poema immortal, como os Luziadas?

Não, de certo.

O architecto de S. Domingos de Lisboa, provou-nos apenas, que tinha talento para umas obras que assombrassem pela vastidão; mas o de Belem e o da Batalha, disseram-nos que eram uns genios, umas aguias, ou antes uns poetas, cujas estrophes ficaram gravadas no marmore dos templos altivos, e grandiosos que nos deixaram.

Camillo Castello Branco, apenas com os seus *Mysterios de Lisboa*, elevar-se-hia ao lugar que hoje occupa na litteratura nacional?

Não, nem o grande escriptor teria essa pretensão; mas poderia tel-a, a nosso vêr, com o seu *Amor de perdição*, com as *Memorias do carcere*, *Onde está a felicidade* e outras produções do seu esplendido genio litterario.

Póde haver quem um dia, na feição pronunciada do seu talento, se lhe possa comparar, mas levar-lhe a palma, pensamos que não, e com nosco muita gente sensata, que embora não passe ao papel as impressões da sua alma, tem comtudo o gosto do bello na arte, e na litteratura.

Presentemente não vemos surgir no nosso horizonte litterario, quem possa hombraear com Camillo Castello Branco. Já dissemos que cada escriptor tem a sua feição litteraria.

O que deixamos escripto, foi ditado pelo nosso sentir, e pela admiração das obras do grande escriptor.

Não vae este modesto escripto engrandecer o notavel romanista, que não precisa elle dos louvores de quem, nem sequer tem a satisfação de o conhecer pessoalmente.

No meio da obscuridade em que vivemos, e que nos apraz, no meio da nossa independencia litteraria, porque escrevemos apenas para desaflojo do espirito, quizemos prestar este modestissimo preito ao elevado talento de Camillo Castello Branco, como já por mais de uma vez temos feito, embora em mal traçadas linhas, a alguns dos nossos distinctos homens de letras, que honram o paiz, que foi tambem o nosso berço.

SOARES ROMEO JUNIOR.

CAMÕES E A ACADEMIA

A Academia de Coimbra está dando um documento vivo da sua elevada illustração e das nobres aspirações que a impellem para tudo quanto é verdadeiramente grande e bello. No intuito de levantar um monumento ao immortal cantor dos *Lusiadas*, e não poupan-do esforços e diligencias para maior luzimento d'essa festa, que vae marcar epoca em Coimbra, e cobrir de gloria os academicos, a Academia dirigiu um appello ás senhoras portuguezas, solicitando os seus donativos para um bazar cujo producto reverteu a favor do monumento. O resultado, que attingiu uma somma importantissima, vendendo-se alguns premios por elevados preços, excedeu toda a espectativa.

Extrahimos do programma dos festejos que terão lugar em Coimbra nos dias 5, 6, 7 e 8 de maio, por occasião da inauguração do monumento a Camões, que acabamos de receber, a parte que se refere á organização do cortejo. A Academia tenciona celebrar um sarau musico-litterario, com o concurso dos principaes escriptores, o producto do qual é destinado a augmentar a receita do monumento.

O cortejo sairá da porta ferrea assim organizado:

1.º GRUPO

1.º—*a*) Dois ou quatro Academicos, montando cavallos de preço ricamente ajazados, e trajando luxuosamente á portugueza antiga ou vestindo á córte. Estes cavalleiros, irão ladeando um carro allusivo a Flora, d'onde enviarão por 4 escudeiros pequenos ramalhetes de camélias e de violetas ás senhoras de Coimbra e ás suus convidadas. Em cada ramo irá preso com fitas azues e brancas um pequeno cartão, tendo nitidamente impresso em caracteres d'ouro o soneto do Poeta que assim começa: «Alma minha gentil que te partiste, etc.»

b) Uma philarmonica tocando o hymno academico.

c) Um grupo de meninos de 6 a 10 annos, das familias de Coimbra, levando um d'elles um estandarte allusivo á instrucção das classes pobres.

d) Os alumnos das escolas de instrucção primaria de Coimbra, acompanhados dos seus professores.

e) Os asylados menores acompanhados dos seus directores.

2.º—*a*) um grupo de meninas de 6 a 8 annos das familias de Coimbra, levando uma d'ellas um estandarte allusivo á instrucção da mulher.

b) As alumnas das escolas de Coimbra, acompanhadas das suas professoras.

c) As asyladas menores com as suas preceptoras.

3.º—Os professores de ambos os sexos de ensino primario que o não regerem officialmente.

4.º—O Inspector de instrucção Publica do districto de Coimbra acompanhado do seu secretario.

5.º—A grande Commissão Academica do Tricentenario. O presidente levará desfaldado um estandarte azul, tendo n'uma face o verso: «Cessem do sabio Grego, etc.» e na outra: «Ao genio Portuguez».

Os restantes membros levarão em salvas de prata os *Lusiadas* que teem do ser distribuidos.

6.º—Os membros da commissão da imprensa que vierem de Lisboa.

7.º—Os representantes da associação Academica de Lisboa e Club Academico do Porto—da Academia real das Bellas Artes—do Conservatorio Real de Lisboa—Curso Superior de Lettras—Escola do Exercicio—Escola Naval—Escola Polytechnica—Lyceus—Instituto Geral de Agricultura—Instituto industrial e commercial de Lisboa e Porto—Escolas medico-cirurgicas—Academia Portuense de Bellas Artes, etc.

2.º GRUPO

Uma philarmonica tocando o hymno da Restauração.

1.º—*a*) O estudante mais novo que frequentar o lyceu, levando um estandarte com as 5 côres das differentes faculdades.

b) Os estudantes do lyceu, com laços de fitas nas batinas, da côr das faculdades a que se destinarem.

c) Os estudantes de instrucção secundaria que não frequentarem este estabelecimento de ensino.

d) Os estudantes do seminario com os respectivos directores.

e) O reitor, secretario e professores do lyceu, o vice-reitor do seminario, os directores de estabelecimentos de instrucção secundaria.

3.º GRUPO

Uma philarmonica tocando o hymno de S. M. a Rainha.

1.º—*a*) O estudante mais novo da faculdade de Theologia, levando um estandarte branco allusivo ao ensino da mesma faculdade.

b) Os estudantes do 5.º anno, com as suas pastas de gala.

c) Os estudantes dos restantes cursos, indistinctamente reunidos e levando na batina um pequeno laço de fita branca.

d) Os professores cathedraicos e substitutos com as insignias doutorais.

4.º GRUPO

a) A charamella da Universidade.

b) O guarda-mór, continuos e porteiros.

c) Os empregados de todos os estabelecimentos de ensino dependentes da Universidade.

d) Os bedéis.

e) Os decanos, o secretario, vice-reitor e reitor da Universidade.

O prestito da Instrucção será acompanhado até aos Paços do concelho pela guarda de archeiros. Ahi completar-se-ha pelo:

5.º GRUPO

Uma banda regimental tocando o hymno da carta.

a) Camara municipal de Coimbra com o seu estandarte.

b) Representantes dos municipios.

- c) Auctoridades militares, judiciaes e administrativas.
 - d) Imprensa de Coimbra.
 - f) Representantes do commercio.
 - g) Da industria.
 - h) Da agricultura.
 - i) Associação dos artistas.
 - j) Associação liberal 8 de maio e os veteranos da liberdade residentes em Coimbra fechando o cortejo.
- 2.º—A faculdade de Medicina, seguindo a mesma ordem e levando estandarte amarello.
- 3.º—A faculdade de Mathematica com estandarte azul e branco.
- 4.º—A faculdade de Philosophia com estandarte azul.
- 5.º—A faculdade de Direito com estandarte vermelho.

Damos em seguida o officio que com referencia ao sarau se dignou endereçar-nos a illustre commissão organisadora dos festejos a Camões.

III.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^a

A commissão academica, que no dia 10 de junho de 1880 lançou a pedra fundamental do monumento que ao maior dos portuguezes entendeu dever erigir em Coimbra, tenciona este anno concluir as suas homenagens ao genio de Camões com a inauguração solemne d'esse padrão modesto e humilde, mas altamente significativo na idéa grande que perpetua. D'essas solemnisações pobres e acanhadas, como os recursos limitados de que dispomos, organisou-se o programma que já tivemos a honra de offerecer a v. e que representa apenas a possivel conciliação das nossas aspirações, que eram largas, com os nossos meios, que são em extremo limitados.

Pela leitura d'elle verá v. que deve realisar-se um sarau musico-litterario no theatro Academico em homenagem á commissão da imprensa de Lisboa, e seria de um grande realce e luzimento para esta nossa festa que, a par das vozes balbuciantes dos moços que estudam, se manifestasse em todo o seu esplendor o vigorisimo talento de uma das mais illustradas damas portuguezas.

Tomamos pois a liberdade de dirigir a v. os nossos pedidos mais fervorosos para que se digne acceder aos nossos desejos, honrando-nos com o seu comparecimento e permitindo-nos a distincção de a contarmos no numero das nossas poetisas.

Confiando pouquissimo no valor do nosso pedido, temos plena confiança na elevação da idéa que nos anima e na significação levantada dos festejos que promovemos.

Esperamos anciosamente a resposta de v. e alimentamos a esperanza de que os motivos patrioticos e dignos que nos impulsionam, supprirão perante v. a recommendação que falta á obscuridade dos nomes dos signatarios.

Coimbra, 14 de abril de 1881.

Somos de v. etc.

Gabriel Samora Moniz.
João Pinto Rodrigues dos Santos.
Jacintho Candido da Silva.
Joaquim Gomes de Araujo.
Victorino Corrêa Sá.

RUMORES DOS PALCOS

A nossa conhecida *prima-donna* Varesi obteve ultimamente em Roma um successo na *Dinorah*.

*
* *

A despeito da opinião contraria de varios criticos, a maioria dos jornaes francezes e italianos celebram o *Tributo de Zamora*, de Gounod, como um dos seus mais bellos triumphos. A Krauss cantou es-

plendidamente, concorrendo, bem como Lassalle e Sellier, para o exito da nova opera do maestro do *Fausto*.

*
* *

A actriz Luiza Candida, do Principe Real, faz beneficio com o drama de grande espectaculo, *A mulher pirata*.

*
* *

O sr. Julio Cesar Leal, escriptor brasileiro, concluiu um drama em 4 actos intitulado *Anjos emancipadores ou a liberdade dos escravos*.

*
* *

Agradou muito no Principe Real o novo drama do sr. Pilar, *O padre Amaro*. Parece que a peça revela da parte do auctor vocação para o genero que encetou.

*
* *

Está em Madrid uma gymnasta ingleza, que é um verdadeiro prodigio no seu genero. Anda commodamente, sem cortorsões, por um arame quasi invisivel e aproveitando-se apenas de um guarda sol, atravessa o theatro impellida por um apparelho semelhante ás antigas catapultas com que se arremessavam pedras enormes; e conclue precipitando-se vertiginosamente de uma altura de vinte e tantos metros sobre uma rede.

*
* *

Representa-se actualmente no Theatro Phenix, do Rio, a opera comica em 3 actos, traducção de E. Garrido e Francisco Palha, *Os mosqueteiros no convento*.

*
* *

O sr. José Leão, escriptor brasileiro, vai fazer representar o seu novo drama *Conflicto social*.

THEATROS DE PARIS

A PRINCEZA DE BAGDAD

Alexandre Dumas, filho, foi estrondosamente pateado no Theatro Francez, na noite da primeira representação da sua *Princesa de Bagdad*, a 31 de janeiro do corrente anno.

Além da opinião do publico, que se manifestou batendo com os pés, berrando e assobiando em chaves, a critica levantou-se contra o mestre, e até o accusou de haver roubado o final da peça a um principiante que lhe fôra pedir a sua collaboração.

A peça, porém, que o publico *d'élite* que assiste ás *primeiras* do Theatro Francez achou má, e que a critica parisiense acremente censurou, chega-nos impressa; brevemente será talvez representada, e não é de crer que seja recebida com assobios, antes com freneticos applausos.

Influencias de meio.

Li de uma assentada os tres actos, e, como de costume, fiquei pasmo. A primeira impressão foi esta.

Não ha na *Princesa de Bagdad* as longas tiradas philosophicas que dão a algumas peças do auctor da *Mulher de Claudio* um tom de these academica. A peça é toda nervosa, viva. Tem a rapidez dos dialogos de Augier, ás vezes com a verve de Sardou, sómente é uma verve que, em vez de resvalar pelo assumpto á fina flor da epiderme, aprofunda-o.

E' mais um estudo do coração da mulher, escabrosa especialidade, que desde o principio da sua carreira litteraria adoptou o grande escriptor.

É um estudo physiologico e psychologico; e no entanto parece um conto phantastico de Hoffmann.

São assim todos os pontos obscuros das sciencias; o primeiro investigador que com elles depara, e que os illumina, toma aos olhos do mundo o aspecto de um visionario.

Alexandre Dumas Filho foi accusado de endeusar a mulher perdida quando traçou aquelle perfil classico de Margarida Gauthier; houve quem ingenuamente acreditasse que aquillo era a historia de uma classe, e que n'essa crença fizesse muita asneira; no entanto, basta pensar que aquillo não é a historia das mulheres perdidas, mas a historia de uma mulher perdida, para aceitar o typo como profundamente verdadeiro e desenhado por mão do mestre.

Que Alexandre Dumas Filho comprehende a sua missão de escriptor dramatico, e que dá vida em suas peças, não á entidade abstracta mulher, que alguns criticos lhe exigem, apesar de serem incapazes de a definir, mas sim a umas certas mulheres, que têm umas certas qualidades, em virtude de umas certas circumstancias, prova-o a variedade de typos de mulher que tem apresentado ao publico.

Ha confronto possivel entre Margarida Gauthier, Mathilde Dumont, Cesarina (a mulher de Claudio), a princeza de Bagdad, e a baronesa d'Ange?

O que parece extravagancia em cada um d'esses typos, o auctor justifica-o sobejamente com os meios em que nascem e vivem as suas creaturas.

Nenhuma d'estas, a não ser talvez a mulher de Claudio, que não representa tanto um typo de mulher, como a corrupção de um povo, sahe mais fora das concepções communs que a princeza de Bagdad; e a estranheza do typo affigura-se tanto maior, por apparecer agora n'esta época em que a tendencia litteraria é para o realismo, ou em que os realistas tem por tal forma feito rufar o seu tambor, que para o lado d'elles convergem todas as attentões.

Note-se, porém, que Dumas não foi buscar a sua Lionette na burguezia franceza, pacata e honesta, nem na velha aristocracia gasta e desilludida.

A princeza de Bagdad é filha de uma aventureira e de um rei do Oriente; o pae amava-a, mas não a podia reconhecer; para deixar-lhe um milhão e meio de francos, teve de confial-os a uma intermediaria pouco escrupulosa, a quem deu pelo trabalho meio milhão; mas, como a entrega foi feita em confiança, a intermediaria preferiu ficar com os dois milhões para si.

A mãe da princeza para apparentar legalidade do nascimento da filha, tinha sido vendida ou comprada em casamento, por um Marquez arruinado economica e moralmente. A filha acostumou-se a não a respeitar, porque lhe conhecia a posição equivooca, porque sabia que era filha de um homem que a não podia chamar filha, e que nada tinha de commum, senão a mentira, com aquelle que lhe dava esse nome; não respeitava a mãe porque esta vivia uma vida de dissipação e de luxo.

Com a morte do rei, e o roubo da infiel encarregada da herança, o luxo desapareceu. Surge então um conde ingenuo, rico e honesto, que quer casar. A princeza não o ama, mas a mãe acha o casamento um bom negocio; a familia do conde oppõe-se, mas elle passa por todos os obstaculos.

Continua a princeza a gastar e vai até á ruina do marido. Aqui começa a peça.

Aqui começa o espectador a assistir ao mais contradictorio conjunto de qualidades que deve ter uma mulher que sahiu do seio de uma aventureira, fecundado pelo sangue de um rei.

Os recursos estão esgotados; ha dividas e falta o dinheiro para pagal-as.

Lionette entende que se deve pagar tudo, e que, se isso não for possivel, devem ella e o marido matar-se, o que não é um modo de satisfazer os credores, diz ella, mas é ao menos um castigo para o devedor insolvel. O filho ficará com uma renda inalienavel do pae, e, como tem apenas seis annos, sendo criado na mediocridade, não terá a nostalgia do superfluo.

É verdade que a princeza possui umas cartas do fallecido rei, seu pae, e que lhe offerecem por ellas o preciso para pagar todas as dividas; Lionette, porém, não quer desfazer-se d'essas cartas.

N'esta situação surge o amante. E' quarenta veses millionario.

Um dia Lionette achou bonita a fachada de uma casa nos Campos Elysios. Elle comprou-a, mobilou-a, povoou-a de criados e cavallos. Em um cofre mandou deitar um milhão em oiro, novinho em folha, cunhado expressamente. Nas gavetas joias e os titulos de propriedade, em que falta apenas o nome d'ella.

Quando sabe da ruina, o amante, que nunca lhe fallara em amor, porque sabia que ella era honesta, diz-lhe bruscamente tudo isto e entrega-lhe a chave da casa. Ella repelle-o e deita a chave pela janella.

Quando elle sahe, não desanimado, porque confia no ouro, que é uma força, entra o marido e cobre-a de insultos, porque o amante tinha mandado pagar todas as dividas da mulher.

A princeza, que era immaculadamente honesta, e que pouco antes achára o amante insolente, acha o marido simplesmente imbecil.

Não é o caso de dizer que se adivinha o que se segue. Não se adivinha tal; é preciso dizelo.

A princeza vae para casa do amante. Diz-lhe que o meio de que lançou mão era infame; que deshonrando-a primeiro publicamente, elle obrigava-a a colher o proveito do mal irremediavel.

Durante este tempo o marido pensa em arranjar dinheiro para pagar ao amante; hesita em bater-se com este, porque em qualquer hypothese a opinião publica duvidará da sua honestidade.

Resolve fazer um escandalo legal. Vae com o commissario de policia surprehender a mulher em casa do amante; Lionette, que até então repellira o insolente, revolta-se contra o procedimento do marido, responde ao commissario que a casa não é do amante, é d'ella, e prova-o com os titulos de propriedade; mas, insultada de novo, diz o que não era verdade, que se tinha dado áquelle homem.

No ultimo acto, o amante vae busca-la á casa do marido para viajarem juntos. Era intenção d'elle, indo a essa casa, fazer um novo insulto ao marido, a quem odeia. Ella tinha chamado o seu procurador, e dissera-lhe que tomasse conta do seu milhão, do seu palacio, das suas joias, e que puzesse tudo aquillo a render.

A scena do 3.º acto com o tabellião, como a do 2.º com o commissario de policia, demonstram a todos, menos ao marido, que aquella mulher estava innocente e que se illudia a si mesma, accusando-se.

Quando vão a sahir, apparece o filho, que lhe pede que fique, ou que o leve consigo.

Este filho, de seis annos, tem apparecido um momento no primeiro acto, fugindo ás caricias da mãe para ir brincar; em toda a desordem da familia, nem pae, nem mãe se preoccupam com elle.

Na scena do terceiro acto, o filho insiste com a mãe, esta repelle-o; o menino agarra-se a ella; o amante — que tambem odeia o menino, prova do amor conjugal de Lionette — dá um empurrão ao pequeno e magôa-o. O grito do filho faz vibrar pela primeira vez o coração da mãe; Lionette é outra mulher. O amante é despedido. As cartas do rei serão vendidas para pagamento das dividas, o marido crê e ama, e a gente fica a pensar se tudo aquillo é um estudo complicado do orgão que se chama o coração da mulher, ou se depois do 3.º acto ha uma apothose com fogos de Bengala.

Mas a razão d'esta duvida é que quando um homem verdadeiramente superior, como Alexandre Dumas, filho, projecta a luz de sua intelligencia sobre um ponto obscuro do estudo das miserias e contingencias humanas, aquelles que nunca arcaram com taes estudos, confundem o phantastico com o desconhecido.

* * *

BIBLIOGRAPHIA

Moda Illustrada. — Publicou-se o n.º 56 d'este excellente jornal. O summario é o seguinte:

Gravuras: Chapéo Rembrandt. — Oito modelos de chapéos para primavera. — Vestuario para jantar e recepção. — Roupão de manhã. — Vestido para passeio de manhã. — Cinco modelos de visites. — Nove trajos de creanças de dois a quinze annos (frente e costas.) —

Quatro modelos de saias de baixo. — Saia de pellucia. — Bordado feito a sedas. — Bordado de branco. — Costas das gravuras coloridas. — Renda de crochet. — Quadrado de crochet. — Vestido para sarau. — Vestido para jantar. — Trajo para senhora nova (frente e costas). — Chapéo Rembrandt. — Chapeo de palha de Italia. — Quatro modelos de trajos de creanças. — O gallo preto. — Problema do jogo das damas.

Supplementos: Figurinos coloridos. — Folha de moldes e debuchos.

Artigos: Correio da moda. — Sob os lilazes. — De relance. — Entre-actos. — Minha irmã (poesia). — Romance da moda. — Passatempo.

Cada n.º da *Moda Illustrada*, consta de 12 paginas, 8 das quaes completamente cheias de gravuras, de uma folha de moldes e de um figurino colorido. Além d'isso dá minuciosas descripções de todos os figurinos, sendo portanto muito superior aos jornaes francezes.

Assigna-se na Empreza Horas Romanticas, rua da Atalaya, 42, 2.º andar, Lisboa.

*
* *

Recebemos o n.º 4 da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, editada pelo sr. David Corazzi. O presente livrinho occupa-se da «Introdução ás sciencias physico-naturaes».

É inutil encarecer a importancia de uma publicação, que, por um preço excessivamente modico, propõe-se vulgarisar as principaes noções de todas as artes e sciencias.

*
* *

Desembarcou no Rio de Janeiro no dia 30 de março o distincto jornalista, redactor da *Gazeta de Noticias* do Rio, sr. Elysio Mendes. S. ex.ª seguira viagem no paquete inglez *Tamar*.

*
* *

Chega-nos de Paris o n.º 4 do *Paris Charmant*, esplendido periodico mensal de modas e litteratura, redigido pela illustre escriptora hespanhola D. Faustina Saez de Melgar.

O summario do numero que temos á vista, de uma leitura amena e attraente, é o seguinte: «*Causeeie*, Emma Cyr; *Labores y Modas*, Idem; *Correo de las Damas*, Artemisa; *El Cohete*, R. Santos; *La Granja de las Hadas*, A. Saviné; *El Geranio*, Camilla Calderon; *Cronica de Paris*, Artemisa; *Fabula*, Luisa Duran de Leon; *La buena hija*, Maria Mendoza de Vives; *Luz y esperanza*, Faustina S. de Melgar; *Bibliographia*, Idem; *Las estaciones*, Julia de Asensi; *Musica*, Magnus.»

Arrancamos á *Bibliographia* a parte que se refere ao *Almanach das Senhoras*, a qual agradecemos:

«*Almanaque para las Señoras*, publicado en Lisboa, bajo la proteccion de S. M. la Reina D. Maria Pia, por la señorita D. Guimar Torrezão.

Hemos recibido con muchísimo gusto toda la coleccion de este precioso almanaque, que desde 1872 hasta el actual ha coleccionado habilmente la distinguida escriptora D. Guimar Torrezão, una de las poetisas que mas honran las letras portuguesas, directora actualmente del periódico semanal titulado: *Ribaltas e Gambiarras*, editado por la libreria Zeferino, donde se hallan de venta dichos Almanagues.

Este libro interesantísimo aunque llena perfectamente sus condiciones de Calendario, es mas bien un escogido volumen de articulos y poesias de los mejores autores españoles y portugueses, dispuestos con tal discrecion que hace resaltar admirablemente todas las bellezas literarias que esmaltan este precioso y encantador ramillete de escogidas flores hispano-lusitanas.

El tomo correspondiente al año actual de 1881 contiene 210 articulos y poesias, y esta enriquecido con diferentes episodios, noticias de interes público, critica de libros y variedad de anuncios de las principales casas de comercio de Portugal.

Muy extendido se halla ya en Portugal y Rio Janeiro este bonito y elegante almanaque de las damas, donde no hay señora que no le tenga; y seria de desear que su illustre autora publicase algunos articulos y poesias en castellano, siendo este el medio de que pudiera generalizarse en España, donde generalmente son pocas las personas que poseen el portugues, debiendo tambien á nuestro juicio intercalar algunos grabados en colores, hoy que estan en moda los libros ilustrados y es un adorno indispensable, unido al mérito de la literatura la belleza de la edicion.»

Satisfaremos em parte os amaveis desejos da redacção do *Paris Charmant*, inaugurando no *Almanach das Senhoras* para 1882 uma serie de gravuras e enigmas pittorescos. Tencionamos mais tarde fazer uma edição especial, vertida no idioma castelhana, e destinada á Hespanha.

Breve daremos desenvolvida noticia das novidades que apresenta o futuro *Almanach das Senhoras*, que se acha no prelo.

Assigna-se para o *Paris Charmant* na livreria Zeferino, custando a assignatura annual 1\$900, semestre 1\$000 réis. A redacção d'este excellente jornal de modas é nos *Grands Magasins*, Saint Joseph, 117, 119, rua Montmartre, e 2, rua Joquelet, Paris.

*
* *

Publicou-se em Madrid o 3.º volume do *Diccionario biographo-bibliographico de ephemerides de musicos hespanhoes*, por D. Baltasar Saldoni.

CARTEIRA DE PRUDHON

Prudhon ouviu dizer que as pessoas que andam sempre de sapatos de borracha apresentam uma palidez baça e chegam a adoecer gravemente.

—Qual doença nem qual demonio! replica dogmaticamente o nosso homem. Empallidecem simplesmente porque, como andam pelas ruas e não ouvem o som dos passos, imaginam que morreram... e perdem a côr!

Um avarento assiste á representação da *Dama das Camélias*. No acto em que Armando Duval arroja aos pés de Margarida Gauthier uma bolsa cheia de ouro, o avarento desata a chorar em grande berreiro:

—Lamenta o infortunio da desgraçada? pergunta-lhe o amigo
—Lamento mas é o dinheiro atirado assim pela janella fóra!

O dr. X... chega á meia noute a uma soirée para que fóra convidado.

—Estou fatigadíssimo, diz o Esculapio enterrando-se em um fauteuil, estes doentes dão cabo de mim!

—Console-se, doutor, acudiu um espirituoso, o sr. faz-lhes outro tanto.

Um negociante, depois de lhe fugir o caixa, levando-lhe uma somma importante, annunciou nos jornaes:

«Precisa-se de um caixa, que saiba contar mal, que seja honesto e paralytico das pernas.»

Um *touriste*, muito conhecido entre a melhor sociedade de Lisboa, regressa á patria com os cabellos completamente brancos.

A' porta da Havaneza fazem-lhe uma grande assuada.

—Então que querem, diz o nosso homem, resultado de um grande desgosto!

Decorridos alguns dias apparece aos mesmos amigos com os ca-

bellos e barbas pretos como azeviche. Grande espanto por parte dos amigos.

— D'esta vez, acudiu o *touriste* anediando a trunfa, d'esta vez a transformação foi devida a uma grande alegria.

No hospital:

Um doente, atormentado por uma fortissima enxaqueca revolve-se no leito, gritando:

— Oh! meu Deus! meu Deus!

Uma irmã da caridade curvando-se para o leito.

— O que quer com Deus, meu irmão? Diga-me, sabe que sou filha de Deus...

O doente, olhando-a ternamente:

— Sabe o que eu quero? quero ser genro de Deus!

A familia Praxedes visita um lugar e assiste embasbacada á fabricação do vinho.

O chefe de familia dirigindo-se aos lagareiros:

— Então vocês é que pisam a uva?

— Sim senhor.

— Com os pés?

— Com os pés.

— Oh! que falta de aceio!

— Qual! nós tiramos os sapatos!

VISÃO DOLOROSA

Faz-me bem ver a alma a vaguear
Por esses largos campos da saudade,
Onde a ave azul da minha mocidade
Tristes notas ás vezes vem soltar.

Alvorada de amor e de bondade
Feita da vaga luz do teu olhar
Que já ha muito se afundiu no mar
D'esta existencia que a tristeza invade.

Por isso evoco o ceu onde eu vivia,
Onde vejo brilhar dôr e alegria
Como constellações do mesmo céu.

Por isso eu sinto este prazer magoado:
Chorar sobre o cadaver retalhado
D'um grande coração que já bateu.

JAYME VICTOR.

CHRONICA PARISIENSE

Fiz hoje um firme proposito, que está de mais a mais em perfeita analogia com a época que atravessamos.

Deliberei-me penitenciar-me publicamente, e escolhi para isso o melhor meio, o qual consiste em não fallar ás leitoras senão de modas, unicamente e exclusivamente de modas.

E aqui está mais uma vez provado até á evidencia a phrase axiomática *les extremes se touchent*, visto como eu, querendo approximar-me da quaresma pela penitencia, incorro nas sagradas iras dos theologos, afastando-me exactamente d'ella pela mundanidade. Mundanidade é o nome que me apraz dar no momento actual a essas deliciosas minudencias da arte de vestir, a esses preciosos segredos da arte de agradar, que existem da mesma forma em um vestido bem talhado, em um sorriso escarlata e fresco e em uma phrase delicada e espirituosa, segredos que encerram as formulas governativas da nossa realza femenina, diante da qual o mundo ha de sempre curvar-se galantemente, á mesma bora em que esse mesmo mundo houver por bem decretar o exterminio de outra realza

muito menos facil e muito mais feia, a realza das *emancipadas* como a sr.^a Luiza Michel e a sr.^a Auclert.

Deixemo-nos, porém, de preambulos, e entremos já no assumpto.

Em face dos casamentos que se multiplicam espantosamente, n'esta época do anno, o melhor que uma pessoa tem a fazer, quando não póde ou não quer bandear-se n'essa amavel legião de felizes que caminham de mãos entrelaçadas em busca de outras tantas luas de mel, é descrever uma toilette de noiva.

Descrevamos pois uma toilette de noiva.

Antigamente, a simplicidade era a nota dominante d'esses vestidos nupciaes, brancos e castos como os lirios. Hoje, a ostentação, que se tem apoderado de tudo, e que não podia por conseguinte deixar de apoderar-se dos vestidos das noivas, exige-lhes um sem numero de enfeites.

Vou tentar dar uma idéa á leitora do vestuario nupcial de uma das noivas mais ricas e elegantes da alta *gomme* parisiense.

— Saia de setim branco prata, de grande cauda, enfeitada com charpas de setim lavrado côr de marfim: as charpas terminam em quadrado do lado direito, e do lado esquerdo em pontas; as duas extremidades quadradas, unidas, prolongam-se de um lado quasi até ao fim da saia. As charpas são armadas em pregas e uma na parte da frente, outra na parte inferior, vem rematar no lado esquerdo, á altura do joelho, sob uma applicação de passamanaria ou um enfeite de renda bordada a contas. A charpa que cruza atraz, cinge a saia de modo que fôrma um pouf muito baixo. D'ahi parte a cauda, que abre em leque, sujeita com pregas largas que se prolongam até a extremidade da saia, guarnecida com uma ruche de crepe.

Prendem as mesmas charpas alfinetes de ouro com cabeça de perolas; sendo porém, de melhor gosto substituir os adornos de passamanaria e renda com hastes de flores de laranja ou de murta.

O corpete é liso na parte da frente, com decote quadrado, que abre sobre uma camisinha de pregas, guarnecida de renda e picada de raminhos de flores, e atacado atraz. As mangas muito estreitas, de setim liso, chegam só até ao cotovello, guarnecendo-as dois *plissés* de renda sobre outro de crepe que cobrem quasi todo o braço. Uma applicação igual á das charpas enfeita a parte superior das mangas.

O penteado consistia em bandós ligeiramente frizados na frente; na parte inferior da cabeça uma corda de cabello formava um 8, atravessado por um pente de ouro e perolas, terminando com dois caracões curtos. Coroa de flores e véu.

Contrasta singularmente com esta exhibição espectacular em relação a uma cerimonia de uma tão solemne gravidade a *toilette* de Maria Perugia, nove vezes millionaria, a qual acaba de dar a mão de esposa ao barão Leopoldo de Rotschild, um nome que é como que a realisação palpavel das pompas legendarias do Oriente. Aquella senhora, que poderia cobrir-se de brilhantes, sahio de uma igreja de Londres pelo braço d'este millionario, trajando um modestissimo vestido de seda branca, sem nenhuma especie de joia ou enfeite, tendo por unico adorno um véu que a cobria toda.

O luxo, que cada vez multiplica mais as suas variadas atrações, exerce tambem agora a sua influencia na roupa branca, que se recama de bordados e rendas, e no vestuario caseiro, que é elegantissimo.

N'este genero as mais bonitas são as *matinéés*, que constam de saias curtas de surah branco, azul celeste ou rosa desmaiado, guarnecidas de *plissés* de setim e concheados de renda, com jaquetinha semi-justa. O calçado é outro capitulo que demanda um sem numero de exigencias, capitulo que a arte moderna está aperfeicoando cada vez mais, tornando-o cada vez menos acessivel ás bolsas modestas. Por casa usam-se uns sapatinhos deliciosos, de velludo ou de setim, atacados no peito do pé com trança de seda, de maneira a deixar ver a meia de seda bordada.

Para a rua são preferiveis as botinas de setim de lã ou pelle de cabrito, pospontadas de branco e com saltos á Luiz XV.

Os chapéus tendem a diminuir sensivelmente de volume; mas o que perdem em tamanho compensam-n'o em extravagancia. As cabeças das parisienses offerecem n'este momento os mais curiosos aspectos, exhibindo anarchicamente, a pretexto de variarem a forma dos chapéus, toques de lanceiros polacos, *bonnets de bébés*, *shatros*

à hussard, bacias de mão inglezas, pires, tectos de pagodes chinezes, lenços á Bordelaise, etc., etc. Ah! como os epigrammas da geração futura, quando d'aquí a tres mil annos folhear assombrada os documentos escriptos ou pintados, legados pelas civilisações extintas, hão de vingar cruelmente as gargalhadas que suscitam ao nosso desdem moderno os *turbantes da restauração* e as *tunicas do directorio*!...

Vou finalizar a minha carta, indicando ás minhas amáveis leitoras dois ou tres modelos de vestidos verdadeiramente encantadores.

1.º *Vestuario para passeio e visitas.*

— Saia de seda violeta guarnecida com dois folhos, *plissés* de setim, de sete centímetros de altura; a parte da frente do vestido é de setim cor de ameixa indo morrer atraz apanhada em prégas. Na parte inferior, meia cauda de setim, armada de maneira que fôrma uma ponta, adherindo ao corpo de setim de abas redondas, guarnecidas com um *plissé* de setim de oito centímetros de altura ao centro; e tres aos lados; uma golla derrubada de setim ata adiante com cordões e borlas; o mesmo cordão enfeita as mangas.

2.º *Vestuario Medicis. Estylo do seculo XVI.* Esta toilette faustosa, que pertence á época de Henrique IV e Maria de Medicis, faz-se da seguinte maneira: saia de setim encarnado muito escuro, guarnecida na extremidade da cauda com dois *plissés* de seda côr de rosa clara e tunica orlada com um folho de renda pregueado e uma dupla ordem de laçadas de setim cor de rosa, apanhada dos dois lados da cauda com laços das duas cores. Corpo de grandes abas de setim encarnado, guarnecido de renda e aberto sobre uma camisinha de seda cor de rosa tomada em rufos; mangas rufeadas e cingidas por um bracelete de fita. Golla e punhos Medicis de cambraia, guarnecidos com renda venesiana.

3.º *Vestuario para theatro e concerto.* Saia curta de seda lisa franzida na frente e nas costas. Corpo tunica de seda lavrada. Guarnece a extremidade interior da cauda uma ruche de seda lisa e uma grinalda de flores. Na frente, bicos guarnecidos de uma tira bordada occultam em parte a saia. Verthe de seda lisa em torno do decote redondo.

4.º *Vestuario preto.* — Vestido de cachemira enfeitado com setim.

Saia guarnecida com um folho pregueado de 40 centímetros de altura, sobre o qual se applica uma tira de setim da largura de 6 centímetros.

Tunica de cachemira orlada com um vize de setim e uma franja da largura de 16 centímetros.

A tunica é apanhada nas costas muito acima, formando pouf armado em laçadas. O corpo de abas abre em quadrado na frente, sobre um plastron de setim rufeadado e atacado com trança de seda. A mesma franja guarnece as mangas e as abas. Uma ruche *Sarah Bernhardt* no decote.

5.º *Vestuario Figaro.* — Vestido princeza, sem mangas, de setim claro, formando extensa cauda, orlado com um bordado de ouro ou prata e abrindo na frente sobre uma saia de Surah armado em fofos. Vestia *Figaro*, de mangas curtas em damasco de seda guarnecida com cordões e franjas de ouro. Ruche muito farta no decote e nas mangas. Tanto o *Figaro* como o vestido são cingidos com cordões ricos de seda e ouro e borlas.

E agora, leitora querida, deite-me a absolvição com as suas finas mãos *potelées*, e até á quinzena.

CONDESSA DE LUC D'ESTRELLES.

Luiza Miguel

Extrahimos de um espirituoso folhetim de Guilherme de Azevedo, publicado na *Gazeta de Noticias*, a parte que se refere á célebre socialista Luiza Miguel, a Angelina Vidal de Paris.

Luiza Michel, a intrepida socialista, depois das *candidaturas mortas*, já teve outra inspiração, comica na apparencia, mas generosa no fundo.

Luiza Michel, vendo-se constantemente perseguida pelos *reporters* dos jornaes, que exigiam saber todas as manhãs o que ella pensava dos acontecimentos do dia, resolveu transmittir os seus

pensamentos a quem os quizesse escutar por meio das suas palavras á rasão de vinte francos cada meia hora.

Ao mesmo tempo abriu venda de suas poesias, a vinte francos por peça, pequenas e grandes. O *estabelecimento* está aberto das 9 ás 4, e a venda é a beneficio dos communistas sem recursos.

Nos ultimos dias mademoiselle Luiza Michel tem feito negocio, e a freguezia não lhe tem escasseado. Ha gente que vae consultal-a, como se ella fosse uma somnambula, perguntando-lhe noticias dos destinos da França e interrogando-a sobre a *dictadura* de Gambetta.

Luiza Michel é morosa e grave nas replicas, e sobretudo d'um rigor extremo na medida; passado o ultimo dos 30 minutos, se uma consideração não está acabada e tem de passar uma palavra que seja para a meia hora seguinte, o interlocutor tem de pagar outros 20 francos.

Abençoado o hystericismo que vae matar a fome d'aquelles que não tem pão! Aqui temos nós como um archanjo da revolução troca as azas vermelhas por umas azas brancas e se transforma no *anjo constitucional da caridade*.

GUILHERME DE AZEVEDO.

CARTEIRA DE UM FARCISTA

NA EGREJA

Quando lia o vigario, o rutilo missal,
Aos gottejantes pés do martyr do Calvario,
E a beata, fugindo ás tentações do mal,
Fazia attentamente as voltas do rosario,

Dir-se-hia que a oração
Absorvera á menina os olhos e a attenção.
Estava recolhida

Prelibando talvez os gozos da outra vida
N'um livro venerando.

Mas n'isto a avó entre-olha-lhe as faces carminadas,
De subito coradas,
E no livro da neta em raivas attentando
Gemendo solta um — Ah!

Soletrava a innocente um livro de Zola.

Rio de Janeiro.

J. DIAS DA ROCHA.

ECONOMIA DOMESTICA

BISCOITOS BARATOS

Necessitam-se tres onças de farinha de gomma, quatro ovos e quatro onças de assucar.

Batem-se separadas as quatro claras dos ovos até que adquiram uma certa consistencia.

Juntam-se-lhe depois as gemas, uma por uma, batendo com as claras cada uma das gemas.

Terminado este trabalho, deita-se lhe o assucar e em seguida a farinha, mechendo tudo em circulo. A fôrma que deve ser muito alta em consequencia do biscouto inchar muito, unta-se de antemão com manteiga de porco.

ANTONIO DE LISBOA.

GASTRONOMIA

PEITO DE PATO BRAVO COM LARANJA

Assam-se patos bravos, extraiem-se depois os peitos que se cortam em tiras, collocando-se no prato dispostos em corôa. Junta-se ao molho dos patos uma porção de manteiga e farinha, temperada com pimenta, sal e sumo de limão.

Descasca-se metade de uma laranja, tirando-lhe a pelicula, corta-se em bocados e ferve-se em agua durante cinco ou seis minutos. Tira-se depois o liquido e deita-se sobre os peitos dos patos. Serve-se em seguida em um prato bem quente.

ANTONIO DE LISBOA.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS

Lisboa { Cada numero 20 réis | Rio de Janeiro—Assignatura
Assignatura de 25 nu- | de 25 numeros... 25000 réis
meros 500 » | Assigna-se em casa dos srs. Sousa Tei-
Assigna-se na Livraria Zeferino — 87, | xeira e Moraes Calabre — 95, Rua dos
Rua dos Fanqueiros, 87. | Ourives, 95.

CONSERVARIA OCCIDENTAL DE ANTONIO JOAQUIM PIRES

Premiado nas Exposições de Philadelphia, 1876 :
Porto, 1877 (primeiro premio), e Paris, 1878 (medalhas de prata e bronze)

Especialidade em fructas seccas, crystalisadas e bonbons fondants.
Licores. Digestivo, S. Bento e Imperial

FORNECIMENTOS PARA LUNCHS E SOIRÉES

133, 135 — RUA DE S. BENTO — LISBOA

A ARTE

PUBLICAÇÃO MENSAL DE LITTERATURA E BELLAS ARTES

Adornado de gravuras em madeira e aço
tanto nacionaes como estrangeiras, representando monumentos
historicos, objectos artisticos
e archeologicos, copias de quadros celebres, etc.

EDITOR EDITORIO DIRECTOR
Christovão A. Rodrigues 145, Rua do Norte, 1.º A. Sousa e Vasconcellos

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA (paga adiantada)

Portugal Trimestre 900 | Semestre 15800 | Brazil Semestre 65000
Anno 35600 | Anno 125000

P. J. A. CAMBOURNAC

OFFICINA A VAPOR DE TINTURARIA

14 E 16 LARGO DA ANNUNCIADA

420, Rua de S. Bento

LISBOA

LIVROS ITALIANOS

BONITAS EDIÇÕES MILANEZAS

ROMANCES E OBRAS CLASSICAS

A 300 RÉIS O VOLUME

LIVRARIA ZEFERINO—RUA DOS FANQUEIROS, 87

Encarrega-se de mandar vir livros e jornaes de qualquer
da Italia.

MUSICAS

PARA PIANO E PARA PIANO E CANTO

OPERAS COMPLETAS DOS MELHORES AUCTORES

A 300 RÉIS

EDIÇÕES NITIDAS E CORRECTISSIMAS

LIVRARIA ZEFERINO—Rua dos Fanqueiros, 87

RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS

Na Livraria ZEFERINO

87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa

CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Ze-
ferino.

103 RUA AUREA

OURIVESARIA

PEDRO MOREIRA

Especialidade em objectos de ouro e de prata pro-
prios para BRINDES

103—RUA AUREA

ALMANACH DAS SENHORAS

PARA 1881

POR

D. GUIOMAR TORREZÃO

PUBLICADO SOB A PROTECCÃO

DE

Sua Magestade a Rainha

11.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

À venda em todas as livrarias.—1 volume com 407 paginas
PREÇO 240 RÉIS

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

ESTÁ PUBLICADO O 20.º FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empreza

Antiga livraria Zeferino

87, RUA DOS FANQUEIROS—LISBOA

HISTORIA DE UM GATO PRETO

11.º SONETO

Falla a tia:

Se a rapariga fosse acautelada,
Como lhe tenho aconselhado já,
E não deixasse o cofre ao Deus dará
Co'a tampa de marfim escancarada.

Nem as moscas alli tinham pousada,
Nem o gato teria entrado lá...
Nem o pae estaria como está,
A dar co'os pés no chão tanta patada,

E diz ella que o bicho é grande ingrato;
Nem que o gato soubesse o mal que fez
E pôz tudo no pó do mesmo gato!...

Imitasse o Moreira, o seu freguez,
Que guarda, até do pó, o oiro barato
Que vende na rua Aurea, 103.